

# A separação Adolescente-Progenitores (\*)

MANUELA FLEMING (\*\*)

«Se o herói adolescente recusa a família quando adquire consciência da sua individualidade face a ela, o seu comportamento perante os seus é ambíguo porque sempre os reconhece, embora muitas vezes de forma dramática, como matriz indelével e centrípeta, como lugar fundamental da evidência manifesta do seu ser.»

Maria Alzira Seixo, *Colóquio Letras*, 72, 1983

## INTRODUÇÃO E PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO

Núcleo básico de qualquer organização social, a família conheceu diversas configurações e regras de parentesco, que a cultura modelou consoante objectivos de troca, aliança e herança entre famílias. Conheceu ainda normas implícitas e explícitas que regulam o relacionamento dos membros da família, nomeadamente entre pais e filhos, doseadoras do afecto e do conflito.

A família vai tendo diferentes configurações e ela própria se transforma, evolui em

períodos de expansão e compressão consoante o próprio devir: nascer, crescer, partir, morrer, dos seus membros.

O nascimento, o acasalamento e a morte são acontecimentos que, impondo ligações e separações afectivas intensas, marcam etapas significativas no ciclo vital humano, ritualizados em cerimónias de festa e luto.

Com a atribuição ao Estado e a outras instituições sociais de um cada vez maior número de funções, de socialização e transmissão da herança cultural, que antes eram da responsabilidade da família, esta é hoje fundamentalmente um lugar privilegiado da afectividade. «A partir do século XVIII, diz Philippe Ariès (1980), a afectividade retirou-se das praias em que vagabundeava, acumulou-se na lagoa familiar, criando assim um meio fechado, de alta densidade sentimental» (p. 226). Seguindo ainda o pensamento desse historiador, o espaço público, antes fortemente investido enquanto local de convívio e de trocas afectivas, foi, no decorrer do século XX, progressivamente recalcado, quase desapareceu, e o espaço privado invadiu a sociedade como um cancro. Espera-se da família que ela satisfaça, ou compense, os desejos, as necessidades a que a vida social não dá resposta. As crianças tornaram-se, no decorrer dos séculos XIX

(\*) Trabalho subsidiado pelo P. I. D. A. C. (C. S. M. Ocidental do Porto)

(\*\*) Psicóloga no Departamento de Psicologia e Saúde Mental (Prof. Dr. Eurico Figueiredo) do Instituto de Ciências Biomédicas «Abel Salazar» — Universidade do Porto

e xx, objecto de uma solicitude e de uma atenção apaixonada: amadas, mal amadas, por vezes odiadas, mas nunca ignoradas. A adolescência, antes etapa transitória e palco de rituais iniciáticos facilitadores da passagem à vida adulta, transformou-se progressivamente, nas sociedades industrializadas do Ocidente, numa fase longa do ciclo de vida, de contornos indefinidos, palco de uma separação penosa e sempre adiada, onde gerações envolvidas se disputam no afecto e na herança.

Após um longo período de imaturidade, dependência e necessidade de protecção dos adultos, o filho do Homem, conhece, contrariamente ao que acontece noutras espécies que se tornam independentes rapidamente, um surto rápido de crescimento — a puberdade — que, pelas mudanças biológicas e maturação sexual e cognitiva que acarreta, o prepara finalmente para a auto-suficiência.

O desejo de sair, peripubertário, antecede a capacidade de desobedecer e de desidealizar as figuras parentais (Eurico Figueiredo e col., 1981). A capacidade de sair bem dependerá, do ponto de vista psíquico, da qualidade das relações anteriores: ter «introduzido um bom objecto» (Klein, 1948), duma «dependência madura» (Fairbairn, 1952), ter uma «confiança básica» (Erikson, 1959), «vínculos seguros» aos pais (Szurek, 1971), entre outros factores.

Esta transição de um estado de dependência e vulnerabilidade para um outro de autogoverno, é um padrão em todas as culturas e, consoante as práticas educativas usadas para preparar o estado adulto forem mais ou menos contínuas, assim a transição será mais ou menos tumultuosa (R. Benedict, 1938). O jogo irresponsável da criança e o trabalho responsável do adulto, enquanto actividades separadas, são, na opinião de R. Benedict, um exemplo da descontinuidade das práticas educativas ocidentais, e origem do *stress* conhecido nessas

sociedades, durante o período da adolescência.

Nas civilizações ocidentais contemporâneas, que elegeram como um valor essencial a independência do indivíduo, o seu direito a uma identidade pessoal, livre e autónoma, a separação dos jovens das suas famílias de origem é culturalmente encorajada. Porém, e contraditoriamente, se a separação é encorajada, a disjunção entre a capacidade procriativa e a capacidade socioeconómica tem-se acentuado; por outro lado, espera-se, também, que permaneçam fortes laços familiares e obrigações mútuas entre pais e filhos ao longo de toda a vida...

Estes e outros factores, já suficientemente tratados por outros autores, estão provavelmente na origem duma separação adolescente contemporânea, atravessada por tensões intrapsíquicas, intrafamiliares e intergeracionais. Tradicionalmente conhecida pelo conceito de «conflito de gerações», a separação tem conhecido formas de exteriorização diferentes consoante as condições históricas em que ocorre, temática que não cabe aprofundar aqui. Diríamos apenas que, na nossa opinião, no contexto histórico dos anos 70 e 80, o conflito se está jogando cada vez menos na forma dum confronto social aberto entre jovens e adultos, e cada vez mais no cenário familiar, em formas mais insidiosas de contestação, dando ao conflito o cariz duma separação dramática, carregada duma afectividade pesada em crenças e mitos de lealdade, engendrando culpa, ansiedade e/ou ressentimentos mútuos.

O fenómeno recente da toxicodependência juvenil é, no nosso entender, tal como já foi referido por Amaral Dias (1980), o paradigma duma separação desejada e simultaneamente rejeitada, quer pelos pais, quer pelo jovem, onde este se dá a ilusão de autonomia criando, ao mesmo tempo, laços familiares de grande dependência.

Se o jovem quer aceder ao poder e ao amor, e separar-se da autoridade e controlo

dos pais, essa força é contrariada pela força dos laços afectivos que o prendem à família, laços que a recente investigação sobre os vínculos familiares adultos tem demonstrado serem intensos e duradouros.

A ideia comumente aceite da família nuclear isolada, pressupondo a ruptura ou atenuação dos laços afectivos aos progenitores, é questionada. Num artigo recentemente publicado por Troll e Smith (1976), baseado numa investigação começada nos anos 60 sobre o suposto isolamento dos idosos e nos resultados de pesquisas gerontológicas e familiares, os autores afirmam que a morte da família alargada é mais mítica do que real, e que os vínculos iniciais podem persistir ao longo da vida, e mesmo para lá da morte, contrariando a orientação de grande parte da literatura sobre a vinculação, que afirma que os vínculos primitivos terminam ou se transformam em alguns anos.

Segundo Bowlby (1958), o vínculo inicial, primeiramente dirigido para a Mãe (1) vai progressivamente alargar-se a outras figuras significativas, e este é um campo já largamente estudado. Mas a evolução do vínculo, as relações entre vínculo, afecto e socialização, as diferenças nos vínculos femininos e masculinos, bem como os correspondentes processos de separação, estão ainda por esclarecer.

Como poderemos explicar a persistência da relação filial ao longo da vida? Troll e Smith respondem a esta questão levantando outras questões: «é porque tais laços são arcaicos e pré-cognitivos na estrutura, como Mussen *et al.* (1974) sugere, e diferentes em espécie das relações de amor cognitivamente determinadas que se desenvolvem mais tarde?» (p. 158).

Qual a função das mudanças pubertárias, geneticamente determinadas, nos processos

de vinculação e separação, perguntamos nós?

As recentes investigações sobre a adolescência, no âmbito da chamada «life-span development psychology», conceptualizando-a e integrando-a no fluxo contínuo do desenvolvimento humano e não tanto, como na visão tradicional, enquanto segmento relativamente distinto e isolado, parece-nos muito promissora para elucidação desses processos. Enquadram-se nesta perspectiva os trabalhos recentemente publicados sobre as consequências desenvolvimentais das amizades adolescentes (Berndt, 1982), o impacte a longo prazo das evoluções das crises descritas por Erikson (Meacham e Santilli, 1982), o impacte de longo alcance da menarca (Grief e Ulman, 1982). A investigação nesta perspectiva, centrada nos derivativos adultos e/ou precursores infantis dos processos adolescentes, pode trazer e tem trazido (Peskin, 1973) uma compreensão nova e diferente para determinados factos observados na adolescência, pois permite verificar não só o impacte contemporâneo mas também futuro de acontecimentos e/ou desenvolvimentos particulares.

O conceito de «life-span attachment» tem, nesta perspectiva, merecido ultimamente um interesse, quer porque os resultados das investigações têm permitido ver «velhos» problemas à luz de novas perspectivas (Gewirtz, 1972-1976; Troll, 1972-1976; Smith, 1972-1976; Kalish e Knudtson, 1976, Antonucci, 1976, etc.), quer porque nos parecem abrir pistas de investigação sobre a adolescência. Destaco o trabalho de Troll e Smith (1976) que, explorando os vínculos pais-filho através dum estudo das ligações de parentesco entre adultos, delineiam as mudanças desenvolvimentais nas ligações, bem como as variações no efeito e força do vínculo e estabelecem medidas, no adulto, dos vínculos, permitindo a transição dos vínculos infantis para os adultos. Na opinião de Troll (1972), o conflito entre os jovens e os seus pais pode

---

(1) Figura fundamental de ligação.

centrar-se em matérias superficiais ou relativamente triviais, de modo a preservar os laços familiares, vindo na raiva uma concomitante inevitável da estreiteza desses laços.

#### A SEPARAÇÃO ADOLESCENTE-PROGENITORES

A investigação desenvolvimental tem dedicado grande atenção ao estudo dos processos de vinculação e separação-indivuação durante os primeiros anos de vida, e existe já sobre a matéria um campo vasto de conhecimentos (vejam-se, por exemplo, Ainsworth e Wittig, 1969; Bell, 1970; Bowlby, 1969; Mahler, 1963, 1975).

Constatamos que igual importância não tem sido dada ao estudo desses mesmos processos (que, naturalmente, não se terminam na infância) no período adolescente, apesar de P. Blos (1967) a ter conceptualizado como segundo processo de individuação.

A presente contribuição, que não pretende ser exaustiva, insere-se nessa preocupação, e o conceito de separação é entendido por nós enquanto fenómeno intrapsíquico de separação de objectos internalizados conduzindo à progressiva separação física dos pais e conquista de autonomia face à família.

Não se consideram os problemas da separação postos por morte, abandono ou privação de familiares, temática já bastante tratada noutras revisões.

Também não se tratará, aqui, da função dos pares de idade (grupos juvenis e temáticas afins) no processo de separação, que reputamos de grande importância.

Genericamente, os conflitos, quer intrapsíquicos, quer interpessoais, sobre a separação, têm sido tradicionalmente conceptualizados a partir do adolescente, enquanto iniciador e agente activo da separação dos pais. As contribuições teóricas, de inspira-

ção fundamentalmente psicanalítica, têm descrito o processo enquanto luta pela autonomia e identidade, privilegiando a dimensão intrapsíquica de desinvestimento dos introjectos parentais e procura activa de parceiros, valores e objectivos fora das suas famílias. Mais recentemente, a separação tem sido objecto de estudos interaccionais englobando a relação pais-filhos. Esta última focagem tem, quanto a nós, alargado a compreensão da dinâmica do processo e permitido uma conceptualização da separação enquanto processo transaccional, envolvendo pais e filhos numa teia complexa onde os conflitos de ambas as partes, porque ambas se separam, se sobrepõem e emaranham.

1. Foi, quanto a nós, Freud (1909, 1933) quem primeiro equacionou os fundamentos básicos do processo de desenvolvimento adolescente, vindo na separação adolescente-progenitores uma tarefa dolorosa mas essencial ao desenvolvimento do Homem e da Sociedade: «o desligar do indivíduo da autoridade dos pais é uma das mais necessárias mas também uma das mais penosas realizações do desenvolvimento. É inteiramente necessário que se realize e devemos supor que todo o ser humano normal consegue, em certa medida, consumir essa separação. Com efeito, o progresso da sociedade depende, em geral, da oposição das duas gerações»<sup>(2)</sup>. Freud (1917) subordina, mais tarde, a aquisição do estatuto de adulto, em termos maturacionais, à realização da tarefa da separação interna dos objectos primitivos, acentuando os aspectos pulsionais e mudanças envolvidas pela ocorrência da puberdade: «... na puberdade, quando o instinto sexual faz as suas primeiras exigências, o antigo objecto familiar incestuoso é retomado de novo e carre-

---

(<sup>2</sup>) Comunicação pessoal citada por O. Rank in *Der Mythos von der Geburt des Helden*, 1909, p. 64.

gado de libido [...] A partir daí, o indivíduo humano tem que dedicar-se à grande tarefa de se separar dos seus pais e, até que esta tarefa não esteja cumprida, ele não deixa de ser criança e não pode tornar-se membro da comunidade social. Para o rapaz, a tarefa consiste em separar os seus desejos libidinais da mãe, empregando-os na escolha de um objecto de amor exterior». (3)

O processo adolescente é, desde logo, definido por Freud, no duplo registo, um reflectindo o outro, em que ocorre: no registo da realidade externa, contemporâneo e contextual, expresso na forma dum conflito de gerações e no registo da realidade interna, no abandono das ligações aos primeiros objectos de amor e investimento em novos objectos heterossexuais e extrafamiliares.

Um motivo poderoso para o adolescente se separar dos pais seria, pois, na perspectiva freudiana, a ressurgência da problemática edipiana. Defender-se da ligação edipiana implica o repúdio inconsciente dos pais e, por essa via, dos outros adultos apanhados no papel de pais substitutos. O exercício da autoridade adulta encontra inevitavelmente aí uma área de conflitualidade a que o adolescente responde idiossincraticamente.

O registo externo, modelado pelas circunstâncias históricas, cruza-se com o registo interno dum passado e presente internalizado, ou seja, representado e interpretado pelo próprio indivíduo. É esta realidade interna que vai constituir-se em objecto de estudo da psicanálise.

Anna Freud (1946) enfatiza as mudanças das pulsões instintivas e as defesas do ego enquanto determinantes da separação, e o processo de separação interna da libido dos primeiros objectos de amor é retomado

pelos autores de orientação analítica em termos de perda de objecto e processo de luto, permitindo este novas identificações e novos investimentos em objectos exteriores à família. Loewald (1962) fala de trabalho de luto enquanto processo de abandono gradual do objecto perdido, mas envolvendo também processos de internalização de elementos da relação com o objecto a ser abandonado e adquirindo daí o significado de emancipação, e Max Sugar (1968) descreve o «luto normal adolescente» em três fases: *separação-protesto* na adolescência inicial, *desorganização*, caracterizada de tumulto, rebelião, vazio e depressão, na adolescência média e a fase de *reorganização* caracterizada por uma acalmia, na adolescência tardia.

A importância do luto dos *imagos* parentais e a escolha do objecto heterossexual é reforçada por Dias Cordeiro (1979), que vê nessas tarefas dois organizadores do psiquismo adolescente, não podendo o segundo ocorrer satisfatoriamente sem a realização do primeiro.

Peter Blos (1967), retomando a formulação de Mahler — que descreve o processo de separação-individação no período dos 4 aos 36 meses de idade, terminando-se com a aquisição da permanência do objecto — considera a adolescência, globalmente, como um segundo processo de individuação levando à aquisição dum sentimento de *self* autónomo e com limites bem determinados.

Blos (1962), que inicialmente tinha descrito as fases da adolescência, enfatizando a sua heterogeneidade em termos de posições e movimentos das pulsões e do ego, confere, mais tarde, ao segundo processo de individuação o estatuto particular de motor ou estruturador de todo o processo adolescente: «Para lá destes aspectos típicos das fases adolescentes, reconhecemos um componente na reestruturação psíquica que puxa como um fio condutor, através de todo o trabalho da adolescência. Este inexo-

(3) S. Freud, *Introductory Lectures on Psychoanalysis*, vol. 16, Standard Edition, p. 336.

rável componente manifesta-se com igual pertinácia tanto na pré-adolescência como na adolescência tardia. É conceptualizado aqui enquanto segundo processo de individuação da adolescência» (Blos, 1967, p. 162).

Blos (1967) acentua a perda das dependências familiares, de natureza emocional e afectiva, e sublinha a importância da realidade externa, nomeadamente a familiar, ao afirmar a implicação das representações dos objectos parentais infantis e contemporâneos no processo: «o afecto acompanhando a perda de objecto tem sido ligado ao estado de luto e de trabalho de luto. Permanece normalmente uma continuidade na relação com o pai actual depois do abandono do carácter infantil da relação. O trabalho da individuação adolescente está relacionado com ambos estes aspectos infantis e contemporâneos» (p. 182), e, a propósito da possível confusão entre as representações dos objectos parentais, afirma: «esta confusão é agravada quando os pais participam nas posições mutativas do adolescente e se revelam incapazes de manterem o seu lugar de adulto fixo perante uma criança em maturação» (p. 182).

Referindo-se ainda ao esforço que o adolescente faz para se separar das dependências infantis, identifica modalidades de separação que podem inviabilizar a separação interna, referindo, como ilustração disso, os adolescentes que, ao forçarem uma distância física, geográfica, moral e ideativa da família ou do local da sua infância, tentam evitar uma separação interna. A este propósito, Kestembaum (1978) sublinha a necessidade duma avaliação em termos de ligação diádica pondo a questão «Quem está com dificuldades de se separar de quem?», vendo ainda no comportamento de fuga uma incapacidade de separação com sucesso; Josselson (1980) refere que a separação física emocional dos pais não traduz necessariamente a separação intrapsíquica.

No que diz respeito às mudanças estruturais que permitem o desalojar dos objectos infantis internos, Blos introduz o conceito de perda do Eu parental, o qual funcionaria, até à adolescência, como auxiliar do Eu infantil. Esta perda implicaria o pôr a descoberto duma estrutura egóica mais ou menos intacta ou defeituosa, consoante as condições em que ocorreu o primeiro processo de separação-individuação. O fracasso do processo de individuação na adolescência deveria ser, portanto, atribuído, pelo menos em parte, a uma organização defeituosa do Eu, precocemente alicerçada.

Esta perspectiva tem sido apoiada por numerosos autores que, numa linha de investigação psicopatológica e desenvolvimental, têm compreendido os quadros clínicos adolescentes à luz das vicissitudes da separação infantil.

Burnham (1965) explica a ansiedade de separação em jovens esquizofrénicos por falha ocorrida na aquisição da permanência do objecto; Furman (1973) ilustra clinicamente, em adolescentes de 12 anos, perturbações na relação com a mãe e irmãos mais novos, que seriam manifestações do fenómeno de separação-individuação infantil; Ekstein (1973) ilustra clinicamente, em adolescentes psicóticos, o dilema entre individuação e fusão, propondo técnicas terapêuticas que visem criar a distância óptima entre o *self* e o objecto; Kestembaum (1978) analisa 5 casos de raparigas adolescentes com sérias dificuldades em deixar o lar, descreve os aspectos psicodinâmicos comuns — conflitos pré-edipianos na fase de separação-individuação — e delinea os factores que devem ser considerados no estabelecimento do diagnóstico inicial, discute várias modalidades de tratamento, entre as quais a terapia familiar; Esman (1980) analisa as implicações do conceito da fase de «*rapprochement*» do processo de separação-individuação, no tratamento de adolescentes perturbados; Knudtson (1981) aconselha o uso terapêutico da relação simbiótica mãe-filho,

que estaria, segundo ele, na origem das psicoses em jovens do sexo masculino, para obter a mútua separação-individuação; Netzer (1981) examina as condições que criaram simbioses parasitas dos dois lados do sistema diádico mãe-filho, em seis casos de jovens adultos esquizofrênicos, em transacção simbiótica; Werdinger (1981) usa terapeuticamente as funções de «fathering» num grupo simulado de «pais-filhos», em jovens vietnamitas, apresentando psicopatologia indicativa de perturbações durante a fase pré-ediânica, para facilitar a separação-individuação não completada; Sugarman (1981) vê na depressão anaclítica subjacente à anorexia nervosa numa adolescente, com «mothering» defeituosa, durante a sub-fase do «practicing» e na sintomatologia anoréxica, uma defesa contra experiências de separação e contra a potencial perda dos limites *self*-objecto que as acompanham; Warnes (1981) propõe uma técnica psicoterapêutica no tratamento de adolescentes *borderline* do sexo feminino, em que o terapeuta se torna gradualmente o ego ideal e, mais tarde, o ego auxiliar, até que a separação-individuação seja conseguida; Levin (1982) descreve uma terapia de grupo, baseada no conceito de adolescência como segundo processo de individuação, em adolescentes do sexo masculino, *borderline* e com desordens do carácter, todos eles apresentando, no passado, uma «mothering» defeituosa.

A visão do processo adolescente à luz dos processos infantis tem sido largamente defendida por autores de orientação psicodinâmica.

Wise (1970) vê na alienação, rebelião e dissidência adolescente, deficiências na relação precoce com a mãe, mais concretamente na fase de individuação, não permitindo o controlo adequado dos afectos depressivos inerentes ao processo de separação; Williams (1970) explica o fenómeno por falta de encorajamento de relações empáticas com outras crianças na fase de indi-

viduação; Feinstein S. C. e Ardon M. (1973) descrevem as etapas do desenvolvimento adolescente ao nível das relações com o objecto heterossexual, enquanto recapitulação, num nível elevado de funcionamento, das fases de separação-individuação, distinguindo: I — estágio do despertar sexual (13-15 anos); II — estágio do «practicing» (14-17 anos); III — estágio de aceitação (16-19 anos); IV — estágio da escolha de objecto permanente (18-25 anos); Brandt, (1977) compara as etapas adolescentes descritas por Erikson com as fases infantis descritas por Mahler: na 1.ª fase, a necessidade da criança em reconhecer a sua separação da mãe é posta em analogia com a necessidade do adolescente em livrar-se da dependência familiar; na 2.ª fase, o exercício físico da autonomia é comparado à moratória psicossocial; a 3.ª fase de aproximação é comparada à crise de identidade e, na 4.ª fase, a aquisição dum sentimento primitivo do *self* é posta em analogia com a aquisição dum sentimento de identidade.

Esta visão do processo adolescente como recapitulação do processo infantil, retirando-lhe originalidade e inovação enquanto processo de desenvolvimento com objectivos e funções evolutivas próprias, não merece a nossa total adesão (Figueiredo, Fleming, Paúl, 1984). Pensamos que, se o processo adolescente se enraíza em processos infantis e é influenciado pelas suas vicissitudes, ele tem a sua dinâmica própria, na medida em que ocorrem fenómenos novos, não conhecidos na infância.

A problemática da separação adolescente, que, na nossa perspectiva, se alicerça no desenvolvimento da identidade adolescente, encontra na obra de Erik Erikson (1959, 1968) uma contribuição teórica notável.

A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson descreve o desenvolvimento egóico através da sequência epigenética de crises psicossociais, e identifica como crise *pivot* na adolescência a aquisição de iden-

tidade *versus* difusão de identidade, no contexto do que ele define como uma moratória psicossocial, reforçando a ideia duma interpretação da realidade psíquica e social.

Atingir um sentimento de identidade pessoal é, sem dúvida, o pré-requisito necessário à aquisição da autonomia e tarefa indispensável à separação adolescente-progenitores. A possibilidade de tomar decisões responsáveis e relativamente independentes, numa sociedade em rápida mutação, requer a aquisição de uma identidade própria nem sempre totalmente conseguida. Alguns não se libertam dos planos e expectativas familiares, outros vivenciam um período de moratória, numa busca de si próprios, experimentando-se e experimentando os outros, num jogo de perder-se e encontrar-se noutra pessoa, onde os pares de idade desempenham um papel importante. Por essa via se busca resposta à grande interrogação adolescente «Quem sou eu e o que vou fazer da minha vida?» ou, por outras palavras, «Sei que vou partir, mas com que bagagem e para que viagem?»

Pensamos que as formulações sobre o processo de desenvolvimento egóico são pertinentes para o estudo da separação, na medida em que atitudes e comportamentos relacionados com a saída de casa podem ser vistos como uma área de crise envolvida no desenvolvimento da identidade adulta. Neste sentido, têm importância os trabalhos de Marcia (1966, 1980) que operacionalizou uma entrevista permitindo estabelecer as quatro posições possíveis do *continuum* identidade-difusão de identidade, e de Waterman e Waterman (1971) sobre as mudanças no estatuto de identidade do ego, durante o primeiro ano na universidade.

2. Mais recentemente, no âmbito duma psicologia que poderíamos chamar interaccional, o processo de separação tem sido objecto, como atrás referimos, de conceptualização teórica e investigação por parte

de autores que se reclamam dos novos modelos teóricos (Sistémicos, Transaccionais...) sobre a família e a psicopatologia.

Em 1965, Boszormenyi-Nagy e Framo, tentando construir uma ponte entre o intrapsíquico e os conceitos sistémicos, publicam uma obra pioneira: *Intensive Family Therapy*, onde afirmam que «a separação dos filhos da família nuclear é um dos objectivos mais importantes a atingir no que se refere à sua saúde» (p. 105) (\*) e a «expressão duma fase crucial do desenvolvimento da família» (p. 105). Os autores expõem, nessa obra, uma teoria das relações que não pretende dispensar as teorias freudianas, mas alargar o campo de abordagem dos fenómenos supra-individuais, transaccionais. Descrevem o processo relacional através duma sucessão de cinco fases, às quais corresponderiam experiências intrapsíquicas específicas, ao longo das quais a integração das percepções e das atitudes relacionais internas e externas aumenta: a fase embrionária, a fase de afiliação ou simbiótica, a fase de individuação, a fase de separação e a fase de reinvestimento. A fase de separação é, seguindo sempre os autores, um processo extremamente complexo, e a sua realização requer que os objectivos das fases anteriores tenham sido atingidos: é só após o estabelecimento e a interiorização de relações íntimas, confiantes e recíprocas com os membros da família que os adolescentes poderão separar-se dos laços familiares e substituí-los por ligações extrafamiliares. «Forças familiares variadas e complexas podem obstaculizar a separação dum membro, mesmo numa família 'normal'» afirmam Nagy e Framo (p. 106), e é o estudo dessas forças familiares que vai estar no centro das atenções de alguns investigadores.

---

(\*) As transcrições referem-se à edição francesa: *Psychothérapies familiales*, P.U.F., Paris, 1980.



Desses trabalhos, merece-nos particular destaque a obra de Helm Stierlin e colaboradores, que trouxeram para a problemática dos processos de individuação na família, e mais especificamente para o processo de separação adolescente-progenitores, contributos teóricos e clínicos importantes.

Adoptando um quadro de referência sistémico, mudam o foco de observação do adolescente para a interacção adolescente-progenitores e, na base do material de estudo fornecido pelas terapias familiares a adolescentes perturbados, investigam a dimensão interpessoal da separação.

A separação é entendida, na perspectiva intergeracional, enquanto movimento em direcção a uma individuação mútua relativa e exigindo uma abordagem dialéctica, que permita pôr a descoberto as forças e padrões (propriedades sistémicas) da relação, que moldam o seu curso e, reciprocamente, afectam a contribuição das partes.

A contribuição activa dos pais para o processo vai ser evidenciada num trabalho publicado em 1971, onde se sublinha a importância das percepções parentais sobre a separação, as quais seriam determinantes sobre todas as outras. As percepções e expectativas sobre a capacidade de separação dos filhos são conceptualizadas enquanto factores, podendo, em determinadas condições induzir ou inibir a separação: as percepções de confiança nas capacidades do adolescente de crescer e tornar-se autónomo fomentariam a separação, e a ausência dessa percepção inibiria a separação; as percepções parentais teriam tanto menor influência quanto maior o grau de diferenciação e maturidade do Eu adolescente (Stierlin, Levi, Savard, 1971). Estas formulações teriam, aliás, já sido evidenciadas experimentalmente num trabalho a que nos referiremos adiante (Murphey *et al.*, 1963).

Sublinha-se ainda, nesse trabalho, a influência das percepções parentais na auto-imagem e funcionamento interpessoal do adolescente, confirmando as formulações de

outros autores que têm posto em evidência as influências parentais como «forças modeladores» da vida dos filhos.

A influência da crise de integridade dos pais, tal como foi descrita por Erikson, nos problemas de separação e formação de identidade em adolescentes do sexo masculino perturbados, foi também constatada, tendo o sucesso do tratamento desses adolescentes sido atribuído à capacidade dos pais, e especialmente do pai, elaborarem a depressão e crise de integridade (Stierlin, Levi, Savard, 1972).

A contribuição teórica mais vasta deve-se à construção de um modelo conceptual sobre a separação adolescente-progenitor, que sintetiza as sequências transaccionais do processo, bem como os seus padrões de interacção recíproca. Este modelo teria sido sugerido, por Hegel, nos seus escritos sobre *O senhor e o escravo* (1806), onde se descreve o paradigma duma relação diádica entre seres desiguais, e em que podem ocorrer mudanças de posição como resultado da mudança súbita e dramática da composição psicológica da relação.

Para Stierlin, tal conceito dialéctico das transacções humanas introduz uma perspectiva que alarga a visão psicanalítica tradicional das relações de objecto. Stierlin (1974) define a separação como «uma espiral em expansão gradual de mútua diferenciação e individuação ocorrendo em níveis emocionais, cognitivos e morais» (p. 3), e conduzindo a uma relativa independência para ambas as partes.

A partir do estudo das forças que integram no seio do sistema familiar, conceptualizam-se dois modelos de separação: o modelo centrípeto e o modelo centrífugo, que corresponderiam às vicissitudes extremas do processo. O modelo centrípeto seria altamente captativo, gratificante dos comportamentos regressivos, indiferenciador e provocando no adolescente sentimentos de culpa face à separação, incapacidade e dependência. O modelo centrífugo seria rejei-

tante, mistificador da realidade exterior apresentada como fonte de gratificação e segurança, provocando no adolescente a tendência para estabelecer relações precoces com o exterior. Os dois modelos teóricos descrevem dinâmicas familiares, que, sem serem necessariamente patogênicas (depende da altura em que se manifestam, da forma como se combinam), podem agir negativamente na recíproca individuação e estar associados a certas formas de patologia, particularmente a esquizofrenia, no modelo centrípeto, e certas formas de sociopatia no modelo centrífugo.

A estes dois modelos corresponderiam diferentes conflitos de separação (Stierlin, Ravenscroft, 1972) ou modos transaccionais de separação (Stierlin, 1974): o acorrentamento (*binding*), em famílias de tipo centrípeto e que corresponderia a uma forma de encadeamento, entre adolescente e pais, afectivo, cognitivo ou moral; a expulsão (*expelling*), em famílias de tipo centrífugo, que corresponderia ao abandono e/ou rejeição contínua do adolescente, e a delegação (*delegating*), em famílias onde agiriam forças centrífugas e centrípetas, e que corresponderia a delegar no adolescente missões que serviriam as instâncias psíquicas conscientes e inconscientes dos pais, e em que a autonomia é permitida ou encorajada consoante a missão que se espera que ele realize.

Estes modos transaccionais implicam, portanto, diferentes potenciais de crescimento. Quando prevalecem os conflitos de acorrentamento, pais e adolescentes não podem separar-se adequadamente: o adolescente pode permanecer ligado, quer por uma excessiva gratificação regressiva, quer por mistificação, quer ainda por laços duma lealdade arcaica. Uma das possíveis «soluções do conflito» é a expulsão dramática, e, quando isto acontece, a dor pode ser grande mas pressagia um crescimento posterior. As oportunidades de crescimento falham se os conflitos são evitados ou abortados levando

ao retraimento progressivo do adolescente e ao abandono da sua luta pela autonomia. Quando prevalecem os conflitos de delegação, é a capacidade de perceber as missões que lhe são incumbidas que permitirá ao adolescente mudar a balança do poder psicológico e reclamar o seu lugar no mundo dos pares, mesmo que os pais, explorando a sua lealdade, usem mais massivamente manobras de acorrentamento, intensificando-se a luta, geralmente bem sucedida, pela autonomia. Quando prevalecem os conflitos de expulsão, a facilidade com que o adolescente pode contrair relações extrafamiliares não pressagia necessariamente uma autonomia conseguida, porquanto as experiências de intimidade com os seus pais falharam e o adolescente revela-se incompetente para estabelecer relações profundas, estáveis e consistentes.

Stierlin (1974) estuda ainda os comportamentos de fuga na adolescência enquanto modo de separação patológica, e correlaciona diferentes tipos de fuga com os modos transaccionais prevalentes na família.

Uma outra problemática, essencial à compreensão do processo, e estudada pelos autores, é a chamada crise da «meia-idade», altura em que normalmente ocorre a adolescência nos filhos. Stierlin (1974) sistematiza os modos de resolução dos conflitos entre casais e descreve a tendência que os pais têm para replicar junto dos seus filhos os modos como eles próprios se ligaram às suas famílias de origem. Esta última perspectiva tem interessado particularmente alguns terapeutas familiares que advogam a abordagem multigeracional como forma de trabalhar os conflitos de separação dos esposos, na sua adolescência, e que se refletem em conflitos na relação do casal com os filhos (Leader, 1978; Toews, 1980; Neraal, 1980; Katz, 1981).

A importância dos conflitos não resolvidos, relacionados com a autonomia e dependência dos pais face às suas famílias

de origem, tem sido sublinhada por vários autores, enquanto factor decisivo nas perturbações *borderline* e narcísicas, em adolescentes. Os conflitos relacionados com a separação evocam nos pais uma regressão reactivadora dos seus próprios conflitos de separação. Sugere-se que os pais dos adolescentes *borderline* falham no providenciar do meio ambiente necessário à separação, e isto devido à existência de laços residuais simbióticos às suas famílias de origem (Shapiro E. R. *et al.*, 1975). Preconiza-se a combinação da psicoterapia analítica com o tratamento analítico e grupo-interpretativo da família como meio eficaz de ajuda ao adolescente com perturbações *borderline* ou narcisismo patológico (Shapiro, R. L., 1979). Descreve-se uma vulnerabilidade narcísica nos pais de adolescentes *borderline*, podendo os filhos ter a função básica de manter a auto-estima parental ao agirem de novo com os pais, relações significativas que afectaram a sua auto-estima (Berg, 1982). Apresenta-se a terapia familiar como processo de tratamento reflectindo as fases do desenvolvimento (simbiose e subfases da separação-individação) e em que o trabalho de fundo é levar os membros da família à aquisição da permanência do objecto (Berry e Roath, 1982).

Os fenómenos de regulação da distância entre os membros da família têm, também, merecido a atenção dos terapeutas familiares. Ajustar a distância psicossocial à medida que as fases de desenvolvimento são negociadas, ou que a composição do agregado familiar se altera, são tarefas nem sempre fáceis. Medos simultâneos de separação e intimidade numa díade podem, na perspectiva de Byng-Hall e Campbell (1981), ser estabilizados por uma terceira pessoa (ou grupo de pessoas) sintomática, que agirá os seus sintomas ou não, consoante os medos de separação ou de intimidade se manifestem.

Genericamente, pensamos existir já, nesta área das teorias sistémicas e terapias fami-

liares, uma vasta gama de conhecimentos, que, pela sua extensão, não é oportuno explicar aqui, mas que reputamos de grande interesse trazer para a problemática da separação adolescente.

Recolocando as manifestações emocionais num contexto epistemológico novo, com implicações dinâmicas específicas, comportamentos que antes se fixavam numa significação psicodinâmica individual, ganham novas significações quando vistos na sua implicação sistémica familiar.

Muito sinteticamente, diríamos que, na perspectiva sistémica, quer a entrada na adolescência, quer a saída de casa de um dos membros da família, é sempre um factor de desequilíbrio da homeostase familiar. As funções homeostáticas e de mudança do sistema familiar são mobilizadas no sentido da procura da manutenção do equilíbrio anterior, ou procura dum novo equilíbrio à custa de negociações explícitas e implícitas entre pais e filhos.

O sucesso ou fracasso da saída de casa do adolescente está inextricavelmente ligado à reorganização da família, quer ao nível dos rearranjos hierárquicos, quer dos novos canais de comunicação.

Se o filho que sai de casa desempenhava uma função importante na homeostase familiar — veículo de comunicação entre os pais, filho parentificado, função de «para-raios», ... — a família vai ter sérias dificuldades em reorganizar-se. Por vezes os pais ameaçam separar-se ou divorciar-se.

Uma das formas de o jovem estabilizar a família é desenvolver sintomas ou fracassar na autonomização, de modo a que os pais continuem ou voltem a ocupar-se dele e a comunicar entre si. A instalação dum comportamento sintomático ou desviante no adolescente tardio, assume, nesta perspectiva, o significado de uma função necessária à manutenção da unidade familiar, ou ainda «a função do fracasso é permitir que os pais continuem a comuni-

car através e acerca do jovem, mantendo a mesma organização» (J. Haley, 1980, p. 31).

Esta uma das significações que podem assumir as dificuldades de separação e fracasso na autonomização, e que vem reforçar, quanto a nós, a importância da realidade externa na avaliação do problema.

3. Os estudos sobre a separação em adolescentes normais têm privilegiado a dimensão dos efeitos de separação física aquando da sua saída de casa e inserem-se numa linha de investigação, indicada nos anos trinta, nos E.U.A., sobre a problemática da emancipação.

A elaboração teórica, produzida na altura, sobre a emancipação dos adolescentes, também denominada pelo termo de «desmame psicológico» (*psychological weaning*) merece-nos uma referência, pela actualidade das questões que coloca.

Numa obra publicada em 1928, Hollingworth refere que o evoluir normal do processo do «desmame psicológico» depende da faculdade dos pais em perceberem o problema e da sua capacidade de ajudarem o filho a assentar as fundações duma adolescência bem sucedida na infância, tratando-o desde a sua infância como se ele pertencesse a si próprio e à sua geração, mais do que como se ele fosse sua pertença pessoal.

Como sintomas gerais duma «condição de não desmame» (*unweaned condition*), Hollingworth refere 1) o pedido duma consideração especial por parte dos patrões, 2) andar ao sabor das circunstâncias, 3) acessos de mau humor, 4) esperar que o cônjuge aja como um pai, 5) recusar sair de casa dos pais depois do casamento, 6) escolher uma pessoa muito mais velha para companheiro, 7) esperar que pessoas em posições de autoridade ou intimidade ajam como pais.

Na mesma linha, Conklin (1936) apresenta os cinco tipos de comportamento que

lhe parecem ser indicativos duma «condição de não desmame»: 1) timidez, 2) falta de inclinação para estabelecer contactos sociais, 3) saudades de casa, 4) conduta rebelde, não cooperadora, numa juventude que, pelo contrário, é madura e prometedora, 5) notáveis explosões de egoísmo.

Cole (1938) classifica os adolescentes não emancipados em dois grandes grupos: 1) os que procuram constantemente o conselho e a ajuda dos outros devido à falta de prática de enfrentarem situações sozinhos, 2) os que, para colmatarem o vínculo social e emocional à casa e aos pais, fazem numerosas supercompensações dramáticas.

Frank (1944) equaciona, em termos sucintos, o que nos parece ser um dos paradigmas essenciais da adolescência, ao escrever: «Deve, portanto, ser reiterado que os pais são a fonte principal de segurança da criança e aquilo em que elas mais confiam para conforto, amor e afeição. Na adolescência, o rapaz e a rapariga são atraídos para a vida fora do lar protector; querem ser aceites pelos seus contemporâneos para explorar o mundo fascinante das pessoas e saborear as experiências que parecem tão ricas e adultas. Mas o seu desejo de partirem para a vida não deixa de estar misturado com uma necessidade continuada de protecção e segurança; na realidade, quanto mais eles se aventuram fora de casa, mais precisam de sentir que podem voltar e encontrar ajuda e segurança» (p. 248).

Este o contexto teórico que pensamos ter orientado a investigação experimental sobre o assunto. O primeiro estudo referido na literatura científica é conduzido por McDill em 1930 e desenvolvido por H. S. Dimock (1937), e pretende medir o estatuto de emancipação em adolescentes do sexo masculino.

Os trabalhos que se seguiram procuram correlacionar o estatuto de emancipação dos adolescentes, medido através de escalas

construídas pelos autores, com características dos sujeitos, mas as relações encontradas foram consideradas fracas (Dimock, 1937; Sharman, 1946). Segundo Dimock, apesar das baixas correlações encontradas, uma maior emancipação estaria relacionada com um mais elevado sentido de auto-adequação, um menor sentido de autocritica e de diferença face aos pares de idade. Sherman, que estuda o estatuto de emancipação em jovens universitários (17-24A) propõe que futuras investigações sobre o assunto foquem a relação entre os jovens e os seus pais, e, nesse mesmo, estudo do processo de atenuação do domínio parental, que, quanto a ele, envolve mudanças tanto na criança como nos pais, e o uso do conceito de emancipação quando se pretende estudar as mudanças progressivas nos hábitos dos indivíduos em crescimento.

A investigação nesta área é abandonada, mas, a partir de 1960, começa a surgir numerosa literatura vinda das «Clinic College», toda ela salientando os problemas da separação e as crises de identidade que a saída de casa e entrada na Universidade propiciam, e a investigação neste campo ganha novo incremento (Wedge, 1958; Blaine *et al.* 1961; Dewees *et al.* 1961; Fountain, 1961; Ichikawa, 1961; Sanford, 1962).

Apesar de representar uma forma sadia de separação, em contraste com a separação induzida por dificuldades emocionais ou familiares, a frequência de manifestações sintomáticas verificadas durante o 1.º ano no *College*, quer nos adolescentes, quer na unidade familiar, identifica este período como altamente gerador de *stress*.

Benedek (1954) sugere que os pais repetem com os filhos, de diferentes maneiras, degraus do seu próprio desenvolvimento, e que nalgumas circunstâncias conseguem a resolução de conflitos *a posteriori*. Elson (1964) verifica que, na altura da separação, por ocasião da ida para o *College*, alguns pais começam a reexaminar os seus compro-

missos, quer na relação conjugal, quer com os filhos. Podem ainda iniciar uma luta pela sua independência, como competidores contemporâneos dos seus filhos, não em fantasia, mas agindo os seus próprios problemas não resolvidos. Nestes casos, as tarefas do adolescente tornam-se mais difíceis dado que ele deixa de poder ter a iniciativa da separação, e, em vez disso, são os pais que se estão a separar dele.

Elson compara dois grupos de estudantes, apresentando como sintomas comuns a depressão, baixa de rendimento escolar, redução de actividades sociais ou super-actividade. Num dos grupos, verificou-se a existência, em todos os casos, de dificuldades conjugais nos pais dos adolescentes, tendo estes o papel de depositário de queixas e de intérprete recíproco de necessidades e desejos dos pais. A saída do filho teria provocado a confrontação directa do casal e a ruptura. Este grupo apresentou, em relação ao outro, onde não existiam dificuldades conjugais nos pais, um muito maior grau de sentimentos de raiva e culpa como reacção à interrupção abrupta da sua dependência dos pais. O outro grupo, em que havia uma renúncia voluntária aos laços de dependência, apresentou apenas uma forte componente de dor. O *stress* em eco, que certos pais vivenciam quando os seus filhos saem para o *College*, pode precipitar um abandono parental antes de o adolescente estar preparado. Elson propõe um tratamento que vise restaurar a iniciativa adolescente para continuar a tarefa de separação emocional, ajudando-o a ultrapassar a depressão reactiva.

A importância do factor parental na qualidade da separação, bem como a mudança na qualidade dos vínculos adolescente-progenitores, aquando da saída de casa, é evidenciada por outros trabalhos:

Murphey e colaboradores (1963) verifica que o binómio autonomia-ligação, ou seja a capacidade de integrar um comportamento

independente e a manutenção dos laços familiares positivos, em estudantes calouros no *College*, está relacionada com padrões de transacção familiar específicos: uma maior autonomia e capacidade de relacionamento nos estudantes correspondia, nos pais, a uma maior confiança nas capacidades dos seus filhos, bem como à existência de valores de autonomia nas suas próprias vidas. Uma baixa capacidade de relacionamento correspondia, nos pais, a dificuldades de comunicar e reconhecer as necessidades e interesses dos seus filhos, bem como uma expectativa negativa quanto à sua capacidade de autonomia.

Moore e Hotch (1980) estudam as percepções dos adolescentes tardios quanto à sua saída de casa (*home-leaving*). Os seus trabalhos permitiram sistematizar oito categorias: controlo pessoal, independência económica, residência, separação física, afiliação escolar, dissociação, separação emocional e graduação. Os autores identificaram as categorias «separação emocional» e «controlo pessoal» como duas configurações indicadoras de «home-leaving» associadas, respectivamente, a uma separação pais-adolescentes relativamente perturbada e não perturbada. Os autores sugerem, num outro trabalho, que o divórcio/separação dos pais influencia a saída de casa, pelo menos nos adolescentes do sexo masculino. Moore e Hotch (1982) verificam que, nos adolescentes tardios do sexo masculino, o divórcio parental estava altamente relacionado com os ítems («sentir-se como uma visita em casa»; «sentir que já não pertence mais à casa»; «não se sentir ligado à família») da «separação emocional», enquanto indicador importante da sua saída de casa.

Estes resultados confirmam, portanto, os de anteriores pesquisas, que indicam que os rapazes têm mais problemas de ajustamento do que as raparigas após o divórcio parental (Wallenstein e Kelly, 1980).

Sullivan K. e Sullivan A. (1980), comparando dois grupos de rapazes, um ingressando pela primeira vez no *College*, outro não, verificam que o primeiro grupo exibiu um aumento no afecto, comunicação, satisfação e independência na relação com os seus pais. Também se encontrou um aumento na afeição das mães e da dependência de alguns pais, face ao filho. A conclusão dos autores parece contrariar a literatura saída das «Clinic College», na medida em que sugerem que a resposta à separação, quer nos adolescentes, quer nos pais, pode não ser origem de *stress*, nem ser conflitual, sobretudo se a distância não excede 300 km. Os autores afirmam que a separação imposta pelo ingresso na Universidade facilita o crescimento do rapaz em direcção ao objectivo desenvolvimental de se tornar funcionalmente independente dos seus pais, reforçando simultaneamente os laços emocionais com eles.

Numa outra linha, Coelho e colaboradores procuram um instrumento que permita prever os desajustamentos dos adolescentes aquando da sua saída de casa, e verifica que os valores de competência medidos pelo teste *Student-TAT* em estudantes pré-universitários se correlacionam significativamente com os comportamentos de *coping* ajustados à situação universitária, e que o teste permite diferenciar preditivamente os que vão e não vão fracassar na universidade.

4. A investigação sobre a separação adolescente-progenitores, na área da etologia humana, embora incipiente, parece-nos promissora, porque, com a sua perspectiva pancultural e funcional, estaria em posição de elaborar uma descrição da adolescência humana normal.

O renovado interesse pela teoria da evolução tem-se concretizado, nalgumas áreas da psicologia e, nomeadamente, em estudos de campo de base etológica, em primatas não humanos. São exemplo disso

o estudo do processo de dispersão<sup>(5)</sup> (*dispersal*) noutras espécies, que tem sido objecto de vastas e recentes pesquisas nas ciências naturais (Bekoff, 1977; Kleiman, Brady, 1978), bem como o estudo da adolescência nos chimpanzés (Goodall, 1975).

Weisfeld (1979), não se debruçando em particular sobre o processo de separação, mas adoptando uma perspectiva etológica sobre a adolescência humana, afirma a existência duma analogia entre esta e a de muitas outras espécies.

Na base de uma análise evolucionista, Weisfeld aponta como desenvolvimentos básicos da adolescência: maturação reprodutiva e a aquisição da independência face aos pais, o que, na nossa perspectiva, vem dar uma confirmação adicional à ideia da função estruturante do processo de separação. O autor tenta demonstrar que as mudanças universais da adolescência são de base biológica e mais compreensíveis em termos de funções: «através da análise etológica começamos a perceber não só o que acontece na adolescência, mas também porquê e como é que estas mudanças ocorrem» (p. 52).

Weisfeld aponta, como estratégia de investigação básica, a identificação de comportamentos de base biológica ou evolutiva e a descoberta das suas funções evolutivas. Nessa linha, propõe-se uma primeira abordagem etológica das funções evolutivas dos seguintes aspectos da adolescência: surto de crescimento puberal, características sexuais secundárias (dimorfismo e bimaturnidade), maior agressividade nos rapazes, fricção entre adolescentes e adultos, solidariedade nos grupos do mesmo sexo, interesse pelas crianças, especialmente nas raparigas (Weisfeld e Berger, 1983).

Os autores sugerem hipóteses sobre as bases evolutivas e as funções biológicas

desses aspectos, e apontam para a necessidade de estudos interculturais, hormonais e comparativos, a fim de as testar: «sem tal investigação, a natureza da adolescência humana permanecerá obscura» (p. 131). Weisfeld e Berger criticam as teorias da aprendizagem, cognitivas e psicanalíticas, porque insuficientes para explicar todos os aspectos envolvidos num desenvolvimento e sugerem uma abordagem teórica geral, através da identificação das características universais da adolescência e o seu enquadramento num sistema explicativo de maior amplitude.

Neste âmbito, aparece a obra, recentemente editada, de Michael Bloom (1980), *Adolescent-Parental Separation*, propondo um quadro de referência de base etológica, mas abarcando outras perspectivas.

Muito sintenticamente, o autor diz existir uma correlação estreita entre o processo de separação na adolescência e os processos de perda e luto já descritos (Freud, 1917; Bowlby 1961-1973; Parkes, 1972; Edelson, 1963), estabelecendo a diferença principal na opção ou desejo de separação<sup>(6)</sup>, situando a perda na morte da relação infantil com os pais; sublinha a importância do desenvolvimento cognitivo, fazendo depender a identificação adequada da aptidão cognitiva; discute o processo na perspectiva dos pais enquanto perda duma parte da identidade parental e da orientação geradora (*generative orientation*, descrita por Erikson); sugere, como quadro de referência global, a teoria cibernética dos comportamentos de vinculação (*control theory of attachment behavior*) de Bowlby (1969); propõe uma nova avaliação do conceito de identificação e a elaboração dum «mapa etológico» que associe factos antes não associados: os processos de separação, identificação, desen-

(5) Processo através do qual o animal sai do local onde nasceu para outro local.

(6) Bloom introduz a diferença entre os adolescentes que deixam os pais como um passo maturativo e os que saem porque são rejeitados, colocando-os na situação descrita por Parkes.

volvimento moral infantil e os objectivos de vida (*life goals*); apresenta o síndrome *borderline* como a resposta patológica à separação e discute terapêuticas.

O autor descreve, ainda, e essa é uma parte substancial da sua obra, o processo de separação adolescente-progenitores em estádios: controlo do impulso para permanecer ligado; realização cognitiva da separação; resposta afectiva à separação; identificação; atenuação da relação pais-filho e nova identidade e novas relações com os pais.

Identifica também as variáveis que, na sua perspectiva, afectam o processo: aptidão individual para a independência; influências cognitivas, incluindo a permanência do objecto e os modos de adaptação assimilação-acomodação; natureza da relação pais-filho; experiências de separação do passado, dos pais e do adolescente; influências culturais no processo de separação.

Bloom avança a hipótese do carácter inato do processo de separação e reavalia o conceito de identificação. Na sua perspectiva, e situando-se na linha do pensamento de Bowlby (1973), o mecanismo de identificação estaria ligado ao processo de separação, enquanto motivação primária para a identificação, e não, como na perspectiva de Freud, à problemática edipiana, enquanto identificação ao agressor. Segundo a perspectiva de Bloom, os mecanismos de motivação interna<sup>(7)</sup> (*internal motivating mechanisms*) são dirigidos para desencorajar a separação. Se esta ocorre, os mecanismos, nos últimos estádios da separação, são dirigidos para tornar o indivíduo mais apto a sobreviver sem a relação perdida. Para o adolescente, isto implicaria a capacidade de conseguir, por si próprio, quer física, quer psicologicamente, o que era

previamente providenciado pela pessoa que se perdeu, por outras palavras, a capacidade de se identificar com os pais. A identificação seria, portanto, primariamente motivada, mais pelo processo de separação, do que pelo complexo de Édipo.

Daí que o autor sublinhe a importância, já atribuída por todas as correntes de psicologia ao processo de identificação: «A propensão dos adolescentes para internalizar as qualidades dos adultos à medida que se separam, é uma característica comum encontrada, quer nas culturas de caçadores e agricultores, quer nas culturas de chimpanzés. Este facto confere um suporte adicional ao carácter inato do processo. Torna-se também evidente que, nas culturas que promovem o processo de identificação através do desenvolvimento da criança, encontra-se muito menos *stress* do que nas culturas que não o promovem. Na cultura americana contemporânea, por exemplo, os rapazes raramente vêem os pais em acção no trabalho. As normas culturais inibem de facto esta observação, e certamente não existem rituais que promovam a identificação adolescente» (p. 49).

Sabemos que a abordagem etológica está na base de contribuições importantes para a psicologia do desenvolvimento, sobretudo na infância, de que a teoria das vinculações de Bowlby é uma demonstração notável. Neste sentido, pensamos que o constructo teórico desenvolvido por Bowlby (1969), aplicando princípios etológicos ao estudo do comportamento humano, pode revelar-se útil à investigação da separação adolescente-progenitores.

5. No âmbito da sociologia da família, encontrámos um número restrito de referências a estudos sobre a adolescência. Segundo P. Grelley (1983), «o adolescente parece estar ausente, para não dizer excluído, da sociologia da família» (p. 105), e os estudos que existem abordam o adolescente, não no interior da sua família, mas,

---

(7) Comportamentos dirigidos para a realização dum objectivo filogeneticamente determinado.



na maioria dos casos, em ruptura com ela ou já na posição, por sua vez, de jovem chefe de família.

Os estudos que revimos, abordando o tema da «contracção» familiar aquando da saída dum membro adolescente, descrevem esse período como não conflitual, em virtude do carácter gradual do acontecimento e da manutenção dos laços familiares, na forma de visitas, ajudas mútuas... (Blood, 1972).

Num estudo feito a famílias urbanas da classe média, já sem os filhos em casa, Deutscher (1968) verifica que as famílias, na sua maioria, sentem esse período como tão bom, ou melhor em alguns casos, do que o que antecedeu a partida do filhos. A pesquisa do grau de satisfação conjugal em diferentes fases do ciclo de vida da família, indicou um maior grau de satisfação em famílias já sem os filhos em casa do que em famílias com filhos de mais de 18 anos ainda em casa (Blood e Wolfe, 1960).

Não podendo ser generalizados, estes dados parecem reforçar a ideia da separação como período natural do ciclo de vida, encorajado pela cultura e conduzindo, se não encontrar vicissitudes, a uma satisfação mútua.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

De Freud à sociologia, tentámos percorrer um caminho, que só artificialmente existe compartimentado, que nos elucidasse sobre o que reputamos central na problemática da adolescência: a separação adolescente-progenitores, processo maturativo para pais e filhos, luto e renascimento para novas etapas do ciclo da vida.

Percorremo-lo através duma diversidade de abordagens porque pensamos que a realidade humana, na sua dimensão individual e social, é complexa e só a articulação de

diferentes perspectivas a permite aproximar...

Vimos que os contributos de orientação psicanalítica enfatizam a dimensão intrapsíquica: as mudanças estruturais do aparelho psíquico e o trabalho de luto necessários à separação interna; Blos vê, no processo de individuação, o fio condutor dessas mudanças estruturais e sublinha a importância das interacções reais, e não fantasiadas, do adolescente; Erikson abre a via duma conceptualização relacional e permite uma visão alargada do contexto da separação: a coincidência temporal da crise de identidade no filho com a crise de integridade nos pais. O foco de observação situa-se preferencialmente no adolescente, e a influência dos pais nele é concebida enquanto internalizações parciais ou totais (através da imitação, introjecção ou identificação) ou ainda na forma de identificação projectiva (Klein, 1946).

Stierlin incorpora a contribuição activa dos pais para o processo e conceptualiza padrões transaccionais de separação adolescente-progenitores. A perspectiva alarga-se à família, no seu conjunto, e o processo é visto num contexto epistemológico diferente, adquirindo novas significações.

Murphey, Elson e Sullivan põem em evidência as mudanças impostas pela separação nas relações de vínculo, nos adolescentes e nos pais.

Weisfeld, partindo duma análise evolucionista, identifica os desenvolvimentos básicos da adolescência e Bloom avança a hipótese do carácter inato do processo de separação.

O Eu e o Outro, passado-presente-futuro, representados com maior ou menor peso em cada uma das abordagens, são, afinal, as matérias-primas de que o processo adolescente se serve para construir e solidificar o edifício humano.

Neste sentido, identificamo-nos com o pensamento de Peter Blos (1977) quando afirma: «a mudança psicológica adolescente

não se limita a fazer face somente aos acontecimentos actuais somáticos da puberdade, mas é, igualmente e talvez mais agudamente, chamada a integrar a realidade social imediata do indivíduo com um passado ainda activo e um futuro já antevisto» (p. 6).

Ao modelo de desenvolvimento psicológico individual, a partir do qual se constitui inicialmente a investigação teórica e empírica sobre a adolescência, vieram juntar-se outros modelos pretendendo integrar um leque cada vez maior de variáveis (vejam-se, por exemplo, o conceito de «sistemas relacionais de desenvolvimento» de Bronfenbrenner (1977) e o «modelo desenvolvimental transaccional» de Wertheim (1982).

Esta orientação estaria, aliás em consonância com a orientação geral que caracteriza a investigação psicológica sobre as relações pais-filhos. Segundo a revisão de Walters (1980), a referida investigação conheceu, na década de setenta, uma inflexão dum modelo unidireccional (dos pais para o filho) para um modelo de causalidade recíproca. Quer teórica, quer metodologicamente, a década de setenta revelou-se um período de transição para a pesquisa na área da interacção pais-filhos, e isto graças, nomeadamente, ao avanço da moderna tecnologia de computador. Os estudos de observação directa, o uso de multimetodologias, os estudos longitudinais, entre outros, constituem hoje uma possibilidade e daí um importante desafio à investigação.

Parece-nos, pois, abrir-se um campo rico em perspectivas teóricas e metodológicas a partir das quais se pode interrogar e compreender o processo de separação adolescente-progenitores.

## BIBLIOGRAFIA

- AINSWORTH, H.D.S., WITTING, B.A. (1969) — «Attachment and exploratory behaviour of one-year-olds in a strange situation», in Foss, B.M. (ed.) *Determinants of Infant Behaviour*, vol. IV, Methuen, Londres, pp. 111-136.
- AMARAL DIAS, C. (1980) — «A influência relativa dos factores psicológicos e sociais no evolutivo toxicómano», Dissertação de Doutoramento em Psicologia Clínica, Fac. Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Coimbra.
- ANTONUCCI, T. (1976) — «Attachment: a life-span concept.», *Hum. Dev.*, 18, 135-142.
- ARIÈS, P. (1980) — «La famille», in *Philosopher*, C. Delacampagne, R. Maggiori, Fayard, Paris.
- BELL, S.M. (1970) — «The development of the concept of object as related to infant-mother attachment», *Child Dev.*, 41, 291-311.
- BEKOFF, M. (1977) — «Mammalian dispersal and the ontogeny of individual behaviour phenotypes», *The American Naturalist*, 111, 715-732.
- BENEDEK, T. (1954) — «Parenthood as a developmental phase», *J. Amer. Psychoanal. Assn.* 7, 389-417.
- BENEDICT, R. (1938) — «Continuities and discontinuities in cultural conditioning», *Psychiatry*, 1938, 1, 161-167.
- BERG, T. (1982) — «Narsisistiske trekk: familier borderline-ungdom», *Tidsskrift for Norsk Psykiologforening*, 19 (4), 167-176.
- BERNDT, T.J. (1982) — «The features and effects of friendship in early adolescence», *Child. Dev.*, 53, 1447-1460.
- BERRY, S.L., ROATH, M. (1982) — «Family treatment of a borderline personality», *Clinical Social Work Journal*, 10 (1), 3-14.
- BLOOD, R. (1972) — *The family*. Free Press, Nova Iorque.
- BLOOD, R. e WOLFE, D. (1960) — *Husbands and wives*. Free Press, Nova Iorque.
- BLOOM, M.V. (1980) — *Adolescent-parental separation*, Gardner Press, Nova Iorque.
- BLOS, P. (1962) — *On adolescence: A Psychoanalytic Interpretation*, Free Press of Glencoe, Nova Iorque.
- BLOS, P. (1967) — «The second individuation process of adolescence», *Psychoanalytic Stud. Child*, 22, 162-186.
- BLOS, P. (1977) — «When and how does adolescence end: structural criteria for adolescent closure», *Adolescent Psychiatry*, 5, 5-17.
- BOWLBY, J. (1958) — «The nature of the child's tie to his mother», *Int. J. Psycho-Anal.*, 39, 350-373. Trad. port. in *As ligações infantis*, Bertrand, Lisboa, 1976.
- BOWLBY, J. (1961) — «Childhood mourning and its implications for psychiatry», *Amer. J. Psychiatry*, 481.

- BOWLBY, J. (1969) — *Attachment and Loss*. Vol. 1, *Attachment*, Hogarth, Londres.
- BOWLBY, J. (1973) — *Attachment and Loss*. Vol. 2, *Separation*, Basic Books, Nova Iorque.
- BOSZORMENYI-NAGY, I., FRAMO, J. L. (1965) — *Intensive Family Therapy*, Harper & Row.
- BRANDT, D.E. (1977) — «Separation and identity in adolescence: Erikson and Mahler — some similarities», *Contemporary Psychoanalysis*, 13 (4), 507-518.
- BRONFENBRENNER, U. (1977) — «Toward an experimental ecology of human development», *American Psychologist*, 32, 513-531.
- BURNHAM, D.L. (1965) — «Separation anxiety: a factor in the object relations of schizophrenic», *Arch. Gen. Psych.*, 13 (4), 346-358.
- BYNG-WALL, J., CAMPBELL, D. (1981) — «Resolving conflicts in family distance regulation: an integrative approach», *J. Marital Family Therapy*, 7, 321-330.
- COELHO, G., SOLOMON, F. SLEINBERG, A., HAMBURG, D. (1969) — «Predicting coping behaviour in college», *J. Nerv. Ment. Dis.*, 14, 386-397.
- COLE, L. (1983) — *Psychology of Adolescence*. Farrar & Rinehart, Nova Iorque.
- CONKLIN, L. K. (1944) — «Childhood and Adolescence» (cap. XI, in Skinner, C.E.) *Educational Psychology*. Prentice-Hall, Nova Iorque.
- DEUTSCHER, I. (1968) — «The quality of post-parental life», in B. Neugarten (ed.) *Middle age and aging*, University of Chicago Press.
- DEWEES, S., JOHNSON, R., ZARVIS, M., POPE, S. (1961) — «An open service in a university psychiatric clinic». *Ment. Hyg.*, 45, 57-64.
- DIAS CORDEIRO, J.C. (1979) — *O adolescente e a família*, Moraes, Lisboa.
- DIMOCK, H.S. (1937) — *Rediscovering the Adolescence*, Association Press, Nova Iorque.
- EDELSON, M. (1963) — «Termination of intensive psychotherapy», in *American Lectures in Psychiatry*, American Psychiatric Association, Washington, D.C.
- ELSON, M. (1964) — «The reactive impact of adolescent and family upon each other in separation», *J. Amer. Acad. Child Psychiatry*, 3, 697-708.
- ERIKSON, E. H. (1959) — «Identity and the life cycle», *Psychol. Issues Monogr.* 1 (1), 88-94, Int. Univ. Press, Nova Iorque.
- (1968) — *Identity: youth and crisis*, Norton, Nova Iorque.
- EKSTEIN, R. (1973) — «The schizophrenic adolescent's struggle toward and against separation and individuation», *Adolescent Psychiatry*, 5-24.
- ESMAN, A. H. (1980) — «Adolescent psychopathology and the rapprochement phenomenon», *Adolescent Psychiatry*, 8, 320-331.
- FAIRBAIRN, W. R. D. (1952) — *Psycho-Analytic Studies of the Personality*. Tavistock, Londres.
- FEINSTEIN, S. C., ARDON, M. (1973) — «Trends in dating patterns and adolescent development», *J. Youth Adolesc.* 2 (2), 157-166.
- FIGUEIREDO, E., FLEMING, M., COSTA, E., MACHADO VAZ, J., FERRONHA, J. (1981) — «Conflito adolescente-progenitores e autonomia: abordagem psicológica». Comunicação apresentada no I Encontro Internacional Família e Saúde Mental, I. C. B. A. S., Porto, Abril-Maio.
- FIGUEIREDO, E., FLEMING, M., PAÛL, C. (1984) — «Psicanálise e conflito de gerações», *Análise Psicológica*, n.º 4/III, I. S. P. A., Lisboa.
- FOUNTAIN, G. (1961) — «Adolescent into adult: an inquiry», *J. Am. Psychoanal. Assn.*, 9, 417-433.
- FRANK, L. K. (1944) — *The adolescent and the family*, National Society for the study of Education, Forty-Third Yearbook, Pt. I «Adolescence».
- FREUD, S. (1917) — «Mourning and Melancholia», *Standard Edition*, vol. 14, 243-260, Hogarth Press, Londres, 1957.
- (1917) — «General theory of the neuroses». *Standard Edition*, vol. 16, Hogarth Press, Londres.
- (1923) — «The ego and the Id», *Standard Edition*, vol. 19, 3-68, Hogarth Press, Londres, 1961.
- (1933) — «New introductory lectures on Psychoanalysis», *Standard Edition*, vol. 22, 57-80, Hogarth Press, Londres, 1964.
- FREUD, A. (1946) — *The ego and the mechanisms of defence*, International Universities Press, Nova Iorque.
- FURMAN, E. (1973) — «A contribution to assessing the role of infantile separation-individuation in adolescent development», *Psychoanal. Stud. Child*, 28, 193-207.
- GEWIRTZ, J. L. (1972) — *Attachment and dependence*, Winston, Washington.
- (1976) — «The attachment acquisition process as evidenced in the maternal conditioning of cued infant responding (particularly crying)», *Hum. Dev.*, 19, 143-155.

- GOODALL, L., HAMBURG, D. A. (1975) — «Chimpanzee behavior as a model for the behavior of early man: new evidence on possible origins of human behavior», *American Handbook of Psychiatry*, vol. 6, Basic Books, Nova Iorque.
- GRELLEY, P. (1983) — «La famille à l'épreuve de la jeunesse». in *La jeunesse en question*, La Documentation Française, Paris.
- GRIEF, E. B., ULMAN, K. J. (1982) — «The psychological impact of menarche on early adolescent females: a review of the literature», *Child Dev.* 53, 1413-1430.
- HALEY, J. (1980) — *Leaving home*. McGraw-Hill, Nova Iorque.
- HOLLINGWORTH, L. S. (1928) — *The psychology of the adolescent*, D. Appleton, Nova Iorque.
- ICHIKAWA, A. (1961) — «Observations of college students in acute distress», *Student Med.*, 10, 184-191.
- JOSSELYN, R. (1980) — «Ego development in adolescence», in Adelson J. (ed.), *Handbook of Adolescent Psychology*, Wiley, Nova Iorque.
- KATZ, B. (1981) — «Separation-individuation and marital therapy», *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, 18 (2), 195-203.
- KESTEMBAUM, C. J. (1978) — «Some practical considerations in the assessment and treatment of adolescent girls with separations problems», *J. Am. Acad. Psychoanal.*, 6, 353-368.
- KLEIMAN, D., BRADY, C. (1978) — «Coyote behavior in the context of recent canid research», in *Coyotes: Biology, behavior and management*, Academic Press, Nova Iorque.
- KLEIN, M. (1946) — «Notes on some schizoid mechanisms», *Int. J. Psycho-Anal.*, 27, 34-46.
- (1948) — *Contributions to Psychoanalysis, 1921-1945*. Hogarth Press, Londres.
- KNUDTZON, S. (1981) — «Mothers with psychotic sons: an example of parent work in adult psychiatry», *Tidsskrift for Norsk Psykiologforening*, 18 (9), 475-480.
- LEADER, A. L. (1978) — «Intergenerational separation anxiety therapy», *Social Casework*, 59 (3), 138-144.
- LEVIN, S. (1982) — «The adolescent group as transitional object», *Int. J. Group. Psychot.* 32 (2), 217-232.
- LOEWALD, H. (1962) — «Internalization, separation, mourning and the superego», *Psychoanal. Quarterly*, 31, 483-504.
- MAHLER, M. S. (1963) — «Thoughts about development and individuation», *Psychoanal. Stud. Child*, 18, 307-324.
- MAHLER, M. S., PINE, F., BERGMAN, A. (1975) — *The psychological birth of the human infant*. Basic Books, Nova Iorque.
- MARCIA (1966) — «Development and validation of ego identity status», *J. Personal. Soc. Psychol.*, 3, 551-558.
- (1980) — «Identity in adolescence», in Adelson, J. (ed.), *Handbook of Adolescent Psychology*, Wiley, Nova Iorque.
- MEACHAM, J. A., SANTILLI, N. R. (1982) — «Interstage relationships in Erikson's theory: identity and intimacy», *Child Dev.* 53, 1461-1467.
- MOORE D., HOTCH D. F. (1980) — «Late adolescent's conceptualizations of home-leaving», *J. Youth and Adolesc.*, 10 (1), 1-10.
- MOORE, D., HOTCH, D. F. (1982) — «Parent-Adolescent separation: the role of parental divorce», *J. Youth and Adolesc.*, 11 (2), 115-119.
- MURPHEY, E., SILBER, E., COELHO, G., HAMBURG, D., GREENBURG, I. (1963) — «Development of autonomy and parent-child interaction in late adolescence», *Am. J. Orthopsychiat.*, 33, 643-652.
- NERAAL, T. (1980) — «Autonomy: a multi-generational problem: a case of analytic counseling», *Praxis der Kinder psychiatric*, 29 (8), 286-292.
- NETZER, C. (1981) — «The symbiotic process», *Int. J. Family Therapy*, 3 (2), 113-129.
- PARKES, L. M. (1972) — *Bereavement: Studies of grief in adult life*, Int. Universities Press, Nova Iorque.
- PESKIN, H. (1973) — «Influence of the developmental schedule of puberty on learning and ego functioning», *J. Youth Adolesc.*, 4, 273-290.
- SANFORD, N. (1962) — «Developmental status of the entering freshman», in *The American College*, John Wiley, Nova Iorque.
- SHAPIRO, E. R., ZINNER, J., SHAPIRO, R. L., BERKOWITS, D. A. (1975) — «The influence of family experience on borderline personality», *Int. Psycho-Analysis*, 2 (4), 399-411.
- SHAPIRO, R. L. (1979) — «Family dynamics and object-relations theory: an analytic group-interpretive approach to family therapy», *Adolescent Psychiatry*, 7, 118-135.
- SHERMAN, A. W. J. (1946) — «Emancipation status of college students», *J. Genet. Psychol.* 68, 171-180.

- STIERLIN, H., LEVI, L. D., SAVARD, R. J. (1971) — «Parental perceptions of separating children», *Family Process*, 10, 411-427.
- STIERLIN, H., LEVI, L. D., SAVARD, R. J. (1972) — «Fathers and sons: the interlocking crises of integrity and identity», *Psychiatry*, 35 (1), 48-56.
- STIERLIN, H., RAVENSCROFT, K. (1972) — «Varieties of adolescent "separation conflict"», *Brit. J. Med. Psychol.*, 45, 299-313.
- STIERLIN, H., (1974) — *Separating Parents and Adolescents. A Perspective on Running Away, Schizophrenia and Waywardness*, Quadrangle, Nova Iorque.
- SUGAR, M. (1968) — «Normal adolescent mourning», *Am. J. Psychother.* 22, 258-269.
- SUGARMAN, A., QUINLAN, D., DEVENIS, L. (1981) — «Anorexia nervosa as a defence against anaclitic depression». *Int. J. Eating Disorders*, 1 (1), 44-61.
- SULLIVAN, K., SULLIVAN, A. (1980) — «Adolescent-parent separation», *Dev. Psychol.*, 16, 93-104.
- SZUREK, S. A. (1971) — «The needs of adolescents for emotional health», in *Modern Perspectives in Adolescent Psychiatry*, Brunner/Mazel, Nova Iorque.
- TOEWS, J. (1980) — «Adolescent developmental issues in marital therapy», *Adolescent Psychiatry*, 8, 244-252.
- TROLL, L. (1972) — «Is parent-child conflict what we mean by the generation gap?», *Family Coordinator*, Julho, 347-349.
- TROLL, L., SMITH, J. (1972) — «Three-generation lineage changes in cognitive style and value traits», Documento apresentado no encontro da Gerontological Society, San Juan.
- TROLL, L., SMITH, J. (1976) — «Attachment through the life-span: some questions about dyadic bonds among adults», *Hum. Dev.*, 19, 156-170.
- WALLENSTEIN, J. B., KELLY, J. S. (1980) — *Surviving the breakup: how children and parents cope with divorce*. Basic Books, Nova Iorque.
- WALTERS, J., WALTERS, L. H. (1980) — «Parent-child relationships: a review 1970-1979», *J. Marriage and Family*, 42 (4), 807-822.
- WARNES, H. (1981) — «Regression and integration in the treatment of a borderline patient», *Psychiatric J. of University of Ottawa*, 6 (1), 43-46.
- WATERMAN, A. S., WATERMAN, C. K. (1971) — «A longitudinal study of changes in ego identity status during the freshman year at college», *Dev. Psychol.*, 5, 167-173.
- WEDGE, B. (1959) — «Treatment of idiosyncratic adaptation in college students», in *Psychosocial Problems of College Men*, Yale University Press, New Haven.
- WEISFELD, G. E. (1979) — «An ethological view of human adolescence», *J. Nerv. Ment. Dis.* 167 (1), 38-55.
- WEISFELD, G. E., BERGER, J. M. (1983) — «Some features of human adolescence viewed in evolutionary perspective», *Hum. Dev.*, 26, 121-133.
- WERDINGER, I. F. (1981) — «The use of the simulated father-son group to facilitate separation-individuation», *Clinical Social Work Journal*, 9 (4), 282-292.
- WERTHEIM, E. S. (1982) — «Genèse développementale de la vulnérabilité humaine: réévaluation du concept», in *L'Enfant Vulnérable*, E. J. Anthony, C. Chiland — C. Koupernik, P. U. F., Paris.
- WILLIAMS, F. S. (1970) — «Alienation of youth as reflected in the hippie movement», *J. Am. Academy Child Psychiatry*, 9 (2), 251-263.
- WISE, L. J. (1970) — «Alienation of present-day adolescents», *J. Am. Academy Child Psychiatry*, 9 (2), 264-277.

# PERSPECTIVES

Revue sur les enjeux sociaux des pratiques psychologiques



A revista *Perspectives* publicou os seus números 2 e 3. O n.º 2 (Outubro de 1983) contém, na sua secção 'Psiquiatria', um «Dossier 'Psychiatrie alternative italienne'», por M. Legrand; «Témoignages» de Franco e Franca Basaglia e G. Jarvis; e, de J. Nahl, «Guérir avec Marx?». Na secção 'Psychologia Industrial', dois artigos: «Pratiques psychologiques en entreprise», de M. Bonami, e «Pourquoi fait-on de la psychologie industrielle?» de R. Franck.

O n.º 3 (saído em Abril último), apresenta, no âmbito da Psiquiatria, os seguintes artigos: «A propos de l'examen neuro-pédiatrique de l'enfant en âge scolaire», de C. Dehaye e J. M. Gauthier; «Vers une nouvelle législation des Centres PMS», por J. M. Gilen; «Les Centres PMS et l'Analyse institutionnelle», de M. Legrand; e «Que fait-on dans les Centres PMS?», entrevista com G. Poucet.

Na secção 'Trabalho Social e Psicologia', um artigo de C. Dumont, E. Termolle e M. Tilman intitulado «Pratiques éducatives et enjeu social». E, dedicados à Psiquiatria: «Pourquoi fait-on de la psychologie clinique?» de R. Franck; «Une clinique sans Freud?», de J. Nahl; e «Pour une psychiatrie alternative», de M. Legrand.